

SIMPÓSIO AT147

HISTÓRIA E LITERATURA: A REPRESENTAÇÃO DA DITADURA MILITAR NA AMÉRICA LATINA EM CONTOS DE HAROLDO MARANHÃO E GABRIEL GARCÍA MARQUES

LEAL, Flávio Jorge de Sousa
Universidade Federal do Pará
flaviojorgeleal@gmail.com

Resumo: O objetivo deste trabalho é estabelecer um diálogo entre a literatura e a história, mais especificamente no que se refere à duas obras literárias que aludem aos regimes ditatoriais impostos ao Brasil e à América Latina como um todo, na segunda metade do século XX, a exemplo dos contos “Leite em pó da bondade humana”, de Haroldo Maranhão (1975) e “Boa viagem, senhor presidente”, de Gabriel García Márquez (1992), bem como apontar semelhanças das ditaduras ocorridas na América Latina representadas nos referidos contos dos dois escritores pertencentes à diferentes nações da América do Sul. Nesse sentido, é imprescindível a concepção de que a história e a literatura são campos distintos, mas legítimos no que tange à representação da história no texto ficcional, configurando-se, também, como uma ressignificação do passado histórico, de modo que a análise dos referidos contos, por meio de um exercício hermenêutico, enquanto procedimento metodológico, permite compreender as representações da ditadura militar no Brasil e no restante da América Latina como uma negação dos direitos civis e políticos do cidadão, imposta por esse regime. Em uma perspectiva interdisciplinar entre o literário e o histórico e no âmbito da América Latina, destacaremos o diálogo existente entre as representações desse período da nossa história na literatura brasileira e colombiana. O aporte teórico deste trabalho constitui-se pelas obras dos seguintes autores: Linda Hutcheon (1991) e Carlo Ginzburg (2007).

Palavras-chave: Haroldo Maranhão; Contos; América Latina; Ditadura militar.

Abstract: The objective of this work is to establish a dialogue between literature and history, more specifically with regard to two literary works that allude to the dictatorial regimes imposed on Brazil and Latin America as a whole in the second half in the 20th century, such as the stories " Leite em pó da bondade humana " by Haroldo Maranhão (1975) and " Boa viagem, senhor presidente " by Gabriel García Márquez (1992), as well as to point out similarities of the dictatorships that occurred in Latin America represented in these tales of the two writers belonging to the different nations in South America. In this sense, it is essential to conceive that history and literature are distinct but legitimate fields with regard to the representation of history in the fictional text, being also configured as a re-signification of the historical past, so that the analysis of

these tales, through a hermeneutical exercise as methodological procedure, it allows us to understand the representations of the military dictatorship in Brazil and in the rest of Latin America as a denial of the civil and political rights of the citizen imposed by that regime. In an interdisciplinary perspective between the literary and the historical and in the context of Latin America, we will highlight the dialogue between the representations of this period of our history in the Brazilian and Colombian literature. The theoretical contribution of this work is made by the works of the following authors: Linda Hutcheon (1991), Mignolo (2001), Costa Lima (2006) and Carlo Ginzburg (2007).

Keywords: Haroldo Maranhão; Tales; Latin America; Military dictatorship.

Introdução

O diálogo entre a literatura e a história é o núcleo discursivo deste trabalho, a partir da análise dos contos “Leite em pó da bondade humana”, de Haroldo Maranhão (1975) e “Boa viagem, senhor presidente”, de Gabriel García Márquez (1992), buscando estabelecer uma relação entre os dois textos a respeito da representação existente na sua tessitura textual dos regimes ditatoriais impostos ao Brasil e a América Latina como um todo.

Nesse sentido, o presente trabalho estrutura-se em duas seções. Na primeira é tecida uma discussão acerca das semelhanças entre a historiografia e a literatura, a luz de alguns teóricos como Linda Hutcheon (1991) e Carlo Ginzburg (2007). Os referidos teóricos apontam algumas semelhanças entre os dois construtos linguísticos e, também, semióticos.

A segunda seção discorre acerca da representação em um conto de Maranhão e outro de Marques a respeito dos regimes ditatoriais na América Latina a partir da segunda metade do século XX. Entre tais representações destaca-se o golpe militar, o exílio e as suas consequências para quem foi forçado a sair do seu país de origem, bem como a tortura enquanto mecanismo de perseguição e controle do governo em relação às forças opositoras ao regime.

1. História e literatura: um diálogo possível

O postulado basilar deste trabalho é a concepção de que a relação entre a historiografia e a literatura é um diálogo extremamente profícuo, embora tenham suas especificidades, pois conforme Hutcheon (1991, p. 122):

[...] O que a escrita pós moderna da história e da literatura nos ensinou é que a ficção e a história são discursos, que ambas constituem sistemas de significação pelos quais damos sentido ao passado ('aplicações da imaginação modeladora e organizadora'). Em outras palavras, o sentido e a forma não estão nos acontecimentos, mas nos sistemas que transformam esses 'acontecimentos' passados em 'fatos' históricos presentes. Isso não é um 'desonesto refúgio para escapar a verdade', mas um reconhecimento da função de produção de sentido dos construtos humanos.

De acordo com a autora, ao postular que são discursos com diferentes sistemas de significação, ela reafirma as especificidades de ambas, no sentido de apontar que a historiografia não é a suposta busca da verdade autêntica e a literatura a busca da ficção, mas sim a construção de uma significação que as duas realizam por meio da elaboração de um discurso, o qual não configura a perseguição ou a fuga da verdade, mas a produção dos sentidos que ambas realizam. Essa é uma das semelhanças fundamentais entre os textos historiográficos e literários.

Tudo isso concorre para a compreensão de que são campos que privilegiam a produção de sentido, de forma que são textualizações inseridas em contextos culturais e sociais. Além disso, a historiografia e a literatura seguem o princípio da verossimilhança e não de uma verdade objetiva, haja vista que são construções linguísticas que se norteiam por convenções inerentes às formas narrativas.

A obra literária insere-se em um tempo e em uma cultura para assim constituir-se enquanto construto de significações por meio de uma textualização. Isso significa que o histórico estará, de alguma maneira, Inevitavelmente presente. "Um escritor que inventa uma história, uma narração imaginária que tem como protagonistas seres humanos, deve representar personagens baseados nos usos e costumes da época em que viveram: do contrário não serão críveis (GINZBURG, 2007, p. 82).

De maneira intrínseca ou por meio de uma alusão direta, há no interior do texto literário uma referencialidade extra textual a qual o torna verossímil. Sem a referencialidade, não é possível estabelecer um acordo, no que tange à ficcionalidade, entre a obra e o leitor, para que a construção textual simbólica permita a produção de sentido.

Na próxima sessão esse diálogo entre a história e a literatura é evidenciado por meio de um exercício hermenêutico, ao se analisar um conto de Haroldo Maranhão e outro de Gabriel Garcia Marques, a fim de que se possa compreender a representação presente nos dois textos acerca da ditadura militar no Brasil e na América Latina.

2. A representação da ditadura militar nos contos de Haroldo e Marques

O conto “Leite em pó da bondade humana”, de Haroldo Maranhão, é uma narrativa de sessões de tortura. Os torturadores perguntam para o torturado quem é e onde está um homem chamado Baiano. Como não conseguem a resposta, o homem é submetido a seguidas sessões de tortura. Primeiramente faz-se necessário pontuar que apesar do texto de Maranhão ser ficcional, possui algumas semelhanças com os relatos de testemunho do período militar no Brasil. Dentre essas semelhanças, destaca-se a construção dos personagens torturadores, a organização narrativa e a seleção vocabular como aspectos importantes para a construção da tessitura textual haroldiana de forma a evidenciar a inequívoca referencialidade histórica dos textos.

Essa referencialidade histórica é o regime ditatorial ocorrido no Brasil na segunda metade do século XX e em outros países da América Latina. Nesse regime, os militares costumavam tratar as pessoas que supostamente eram contra o governo por meio de ameaças, prisões, homicídios e torturas. Essa face mais cruel do regime é recorrentemente abordada nos livros de história distribuídos nas escolas da educação básica no Brasil. Nesse sentido, o conto do escritor paraense apresenta os três elementos retromencionados como

escolhas textuais as quais estabelecem essa referencialidade histórica e assim possibilita o diálogo entre a historiografia e a literatura.

No que concerne à construção dos personagens torturadores, são caracterizados como homens violentos e impiedosos:

O FILHO da puta agarrou-me pela camisa com a mão esquerda, levantou-me do soalho como se levantasse um menino e derrubou-me: um soco no centro da cara. A dor não sei como suportei, que o golpe trazia o peso e a potência da raiva. (MARANHÃO, 1983, p. 11)

Essa construção dos personagens torturadores como violentos perpassa todo o texto, uma vez que o núcleo narrativo são as sessões de tortura. Concorre também para o perfil deles o fato de o conto fazer uma oposição entre a vítima e o torturador, o qual é associado ao animalesco e a vítima a um ser pensante ao aludir-se ao livro na condição de metáfora que denota conhecimento, intelectualidade e ciência.

[...] Voltaria a sentar na poltrona verdemusgo para ler meus livros? O bilhete falava de muito amor, muito amor houvera mesmo, [...] Compreendi que recomendava meus sentidos quando entraram cavalos, os passos faziam trepidar as tábuas do soalho. (MARANHÃO, 1983, p. 21)

O substantivo cavalo traz a tona essa forte oposição ao livro e, portanto, sugere a ideia de que os torturadores não têm um pensamento emancipado, posto que simplesmente obedecem ordens. Ao falarem, utiliza-se frases curtas, agem mais pela violência do que pelo discurso, como se não fossem capazes de elaborar uma fala articulada e concatenada. Vale lembrar o encontro existente, aqui, entre a literatura e a história, pois é recorrente nos livros que tratam do regime militar brasileiro a perseguição do governo em relação a todos que se mostravam autônomos, do ponto de vista do pensamento e, por isso também, a recorrente perseguição aos estudantes e professores universitários durante os anos de chumbo.

O segundo aspecto diz respeito à organização narrativa do conto em que o narrador, por meio de um fluxo de memória, dá o seu testemunho do que viveu em um exercício de rememoração. Ao descrever a sala onde ocorreu a tortura, cita elementos que ainda hoje estão no imaginário de muitos brasileiros

a respeito de como seria uma sala de tortura, fato que os estudos historiográficos realizam em detalhes. Assim, no conto se afirma que a sala era um pouco escura, o comandante não aparecia nessa sala, a vítima no centro e os torturadores em sua volta. Essa referencialidade histórica confere verossimilhança à descrição.

O terceiro elemento, a seleção vocabular, configura-se uma linguagem abjeta, denotando mais violência ainda, no sentido de provocar mais pânico na vítima e enfraquecê-la quanto à suas defesas psicológicas. Faz uso de palavras como putinho de merda, filhos da puta, cu, e mijo como um componente importante para compor esse cenário de horror e evidenciar os instrumentos de tortura.

Por fim, os desmaios e reanimações do torturado, sua alternância entre a consciência e a insobriedade, a descrição da sua dor, das agressões que sofria e o narrar cadenciado são pontos importantes os quais se coadunam para a construção da ideia de tortura como um mecanismo de controle largamente usado no regime militar brasileiro e que possui uma representação na prosa ficcional haroldiana.

O outro conto o qual faz parte do *corpus* desta pesquisa, “Boa viagem, senhor presidente”, de Gabriel García Márquez, tece uma representação da instauração das ditaduras militares no continente americano por meio de golpes e o exílio como uma dura realidade vivenciada por quem assim foi submetido a essa sanção. É outro diálogo que se mostra bastante pertinente entre a literatura e a historiografia produzida sobre os golpes de natureza militar, haja vista que há diversos trabalhos historiográficos que abordam a recorrência de golpes militares na América Latina e o exílio como mecanismo utilizado pelos governos para afastar os seus supostos inimigos do regime de seus países para assim evitar que eles articularassem uma resistência ao poder instaurado.

Nessa perspectiva, o conto de Marques é mais amplo enquanto campo semântico, pois traz em seu bojo uma representação de uma visão acerca do continente latino americano:

O presidente suspirou. "Somos assim, e nada poderá redimir-nos", disse. "Um continente concebido pela merda do mundo inteiro sem um instante de amor: filhos de raptos, violações, de tratos infames, de enganar, de inimigos com inimigos." Enfrentou os olhos africanos de Lázara, que o examinavam sem piedade, e tentou amansá-la com sua lábia de velho professor (MARQUEZ, 2003, p. 20).

A personagem presidente, ao falar da América Latina para Lázara, esposa de Homero, apresenta uma visão bastante negativa, pois o concebe como o lugar explorado por muitas outras nações e um local cheio de intrigas e tratos infames, ou seja, nesse momento há vários regimes ditatoriais em curso e uma enorme perseguição aos movimentos de contestação. É um sentimento de revolta e indignação de quem foi vítima do processo e esbraveja, pois sofre as consequências de ser um exilado em um país distante, mais especificamente na Martinica, no Caribe, local que escolheu para viver no exílio.

Trata-se de um presidente deposto e isso é representado no conto, de modo a configurar uma interface com os estudos da ciência histórica, posto que foi frequente essas deposições de presidentes pelas forças armadas de vários países da América do Sul. "Disse Homero. - Depois do golpe militar, o milagre é estarmos nós dois aqui, prontos para comer meio boi. Não foram muitos os que tiveram a mesma sorte. Nesse momento chegaram os pratos." (MARQUEZ, 2003, p. 14). Há um aqui um ponto de encontro com o texto de Maranhão, pois Homero ao dizer que muitos não tiveram à mesma sorte deles dois, alude ao fato de que os regimes empregaram os mecanismo de controle às lideranças da resistência às ditaduras, ou seja, a prisão, o assassinato e a tortura.

Ademais, há no texto de Marques uma representação do sofrimento e da dificuldade financeira entre aqueles que estão exilados:

A primeira surpresa de ambos foi que o desterrado ilustre morasse num hotel de quarta categoria no bairro triste de la Grotte, entre imigrantes asiáticos e mariposas da noite, e que comesse sozinho nas pensões de pobres, quando Genebra estava cheia de residências dignas para políticos em desgraça. (MARQUEZ, 2003, p. 17)

A personagem está em Genebra porque busca um tratamento de saúde, mas o local onde vive o seu exílio é a Ilha de Martinica. O texto tem um projeto de narrativa o qual centra as lembranças da personagem no seu país de origem, o golpe sofrido e as dificuldades advindas da condição de exilado.

Considerações finais

Ainda que a referencialidade histórica ocorra de modo explícito e inconteste nos contos de Haroldo Maranhão e Gabriel Garcia Marques, é necessária a compreensão de que não são narrados fatos históricos na sua tessitura textual, mas referencialidades históricas, posto que a literatura não tem compromisso com o factual ou o concreto, apenas alimenta-se dos fatos concretos, contudo estes não são objetos de uma referencialidade imediata.

Outro aspecto a considerar é que a representação da tortura no texto de Maranhão é configurada como um mecanismo utilizado pelo governo e que causava danos físicos e psicológicos extremamente traumáticos. A fala dos torturadores, o local onde ocorre e as agressões concorrem para a ideia da instauração do terror.

Também há a representação do golpe militar e do exílio como uma negação dos direitos civis e políticos das pessoas. Além disso, como algo ruim para o povo e as nações, posto que a contrapalavra ao regime é combatida com morte de civis, assassinatos e tortura. É, em suma, a ausência das liberdades democráticas e suspensão de direitos.

Referências

GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros**: verdadeiro, falso, fictício. Tradução de Rosa Freire d' Aguiar e Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo**: história, teoria, ficção. Tradução Ricardo Cmz. -Rio de Janeiro: Imago Ed., 1991.

MARANHÃO, Haroldo. **As peles frias**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1983.

MARQUEZ, Gabriel Garcia. **Doze contos peregrinos**. Tradução de Eric Nepomuceno. Rio de Janeiro: Editora Record, 1ed. 2003.